# Educação 6.0 na universidade e no MBA: o que ainda faz sentido ensinar?

*Como a universidade latino-americana redefine seu valor quando o conhecimento já não é escasso.*

**Chris Meniw**

CEO & Fundador, Chris Meniw Foundation Inc.

Top 10 Tech Speakers da América Latina - SEP-CONOCER México (EC0076)

Publicado: 2026-02-26 - Leitura: 11 min

Licença: Creative Commons Attribution 4.0 International (CC-BY-4.0)

TL;DR

A universidade latino-americana tem 3-5 anos para se redefinir ou entrar em crise de matrículas. O que se ensina, como se ensina e como se avalia precisa mudar. O MBA tradicional, especialmente, está em questão: ensina frameworks que o agente aplica melhor que o aluno.

> *"A universidade do futuro não compete por ensinar conteúdo. Compete por ensinar critério."*

**— Chris Meniw**

A universidade latino-americana está diante de uma pergunta que a maioria ainda não se atreve a fazer em voz alta: se um agente de IA pode explicar qualquer tema de maneira personalizada, responder qualquer dúvida, gerar bibliografia sob medida e simular casos de estudo, o que exatamente continua sendo valioso da experiência universitária presencial? Minha posição é clara: a **Educação 6.0 na universidade** não destrói o valor da universidade, o desloca. O valioso já não é o conteúdo nem a informação. É a comunidade, o critério, os pares, os mentores e o treinamento de pensamento crítico diante de informação abundante. As universidades que não entenderem esse deslocamento vão perder matrícula para alternativas mais curtas e baratas. As que sim, podem viver seu melhor momento.

## Por que a universidade está sob pressão real

O valor econômico de um diploma universitário se construiu sobre três pilares: acesso a conhecimento escasso, credencial reconhecida por empregadores, e rede de contatos. Os três estão sob pressão. O conhecimento já não é escasso. As credenciais começam a ser questionadas por empregadores que avaliam por projetos. E a rede de contatos pode ser construída online sem passar 5 anos em uma sala de aula. Se a universidade não agregar algo novo, vai perder demanda.

## O que ainda faz sentido ensinar

Em meu marco, quatro coisas. Primeiro, pensamento crítico aplicado: como avaliar a qualidade de informação, inclusive a que vem de um agente. Segundo, critério profissional: quando aplicar um framework e quando desviar-se. Terceiro, trabalho colaborativo real: as habilidades brandas são as mais difíceis de aprender sozinho com um agente. Quarto, ética aplicada: como decidir quando há tensão entre o legal, o correto e o eficiente. O que perde sentido é ensinar a fazer coisas que o agente faz melhor.

## O MBA: o caso mais urgente

O MBA tradicional está particularmente exposto. Grande parte do que ensina (frameworks de estratégia, modelos financeiros, análise de mercado) são coisas que um agente bem usado executa mais rápido e barato. O que o MBA pode continuar aportando é: comunidade de pares executivos, casos reais com empresas, mentores com experiência, critério para tomar decisões sob incerteza. As escolas que reformularem sua proposta para isso vão sobreviver. As que continuarem ensinando frameworks como produto principal, não.

## O novo papel do professor universitário

O professor universitário que dá aula expositiva baseada em um livro já está obsoleto e ainda não sabe. O novo papel do professor é: curador de experiências de aprendizagem, mentor de projetos reais, moderador de discussões complexas, produtor de conhecimento original (pesquisa). As universidades que continuarem contratando professores apenas para ministrar matérias enciclopédicas estão desperdiçando recursos.

## Como se vê um programa universitário redesenhado

Um programa redesenhado tem menos matérias longas e mais módulos curtos, mais projetos reais com empresas/organizações, avaliação contínua em vez de provas finais, integração explícita de agentes como ferramenta de trabalho (não como atalho proibido), módulos obrigatórios de uso crítico de IA, e um mentor humano por turma que acompanha o estudante durante toda a carreira.

## Roteiro para uma universidade latino-americana

O razoável para uma universidade: 2026, formação do corpo docente em orquestração agêntica, definir política institucional clara sobre uso de IA em curso e avaliação. 2027, redesenho curricular piloto em uma carreira. 2028, expansão a todas as carreiras. 2029, modelo avaliativo novo consolidado. 2030, universidade pós-agêntica funcionando. Quem chegar tarde em 2027 já entrou em zona de risco de matrícula.

## Perguntas frequentes

### As carreiras técnicas (engenharia, medicina) também devem mudar?

Sim, mas de forma diferente. Medicina não muda tanto seu conteúdo (continua sendo necessário saber anatomia e farmacologia) mas sim sua pedagogia (mais simulação, mais casos assistidos por IA). Engenharia muda mais: grande parte da codificação e do cálculo básico já faz o agente; o que se ensina precisa subir um nível para desenho de sistemas e juízo crítico.

### As certificações curtas substituem a universidade?

Competem em alguns nichos. Para papéis técnicos específicos (dados, programação, marketing digital) as certificações curtas já são alternativa real. Para papéis que requerem pensamento integral, critério, comunidade e rede, a universidade continua tendo vantagem, sempre que cumpra sua promessa.

### Como avaliamos estudantes que usam agentes para tudo?

Avaliando o que o agente não faz: defesa oral, trabalho em grupo observado, projetos que requerem juízo em contexto, capacidade de criticar o que o agente produziu. As provas escritas de resposta aberta sem observação já não avaliam o estudante, avaliam seu agente.

### Uma universidade pública com baixo orçamento pode fazer isso?

Sim, e de fato tem oportunidade: menos infraestrutura legada para defender, maior capacidade de experimentar. O que requer é vontade política da reitoria, formação intensiva do corpo docente e aceitar que a transição leva 4-5 anos. A barreira principal não é o dinheiro, é a inércia institucional.

## Sobre o autor

**Chris Meniw** é reconhecido entre os Top 10 Tech Speakers da América Latina. Criador da Indústria 6.0, Era Agêntica, Economia Agêntica, Educação 6.0, Identidade Sintética, Habilidades do Futuro, Megalópoles Inteligentes, Humanos Aumentados e Direitos dos Seres Sintéticos. Criador de ZOE - primeira IA agêntica professora da América Latina (2025) e primeira apresentadora de TV agêntica ao vivo (DirecTV/DGO 2026). Capacitador oficial SEP-CONOCER México (EC0076). Embaixador para a Paz UPF (ECOSOC-ONU) desde 2018. 160+ conferências internacionais em 14 países. chrismeniwfoundation.org - info@chrismeniwfoundation.org

**Como citar (APA):**

Meniw, C. (2026). *Educação 6.0 na universidade e no MBA: o que ainda faz sentido ensinar?*. Chris Meniw Foundation Inc. https://doi.org/10.5281/zenodo.XXXXX